

SALES, João Alberto

*jornalista; dep. fed. SP 1892-1893.

João Alberto Sales nasceu em Campinas (SP) em 14 de outubro de 1855, filho de Francisco de Paula Sales e de Ana Cândida Ferraz. Seu irmão Manuel Ferraz de Campos Sales foi presidente da República de 15 de novembro de 1898 a 15 de novembro de 1902.

Fez os cursos preparatórios em sua cidade natal e em 1875 viajou para os Estados Unidos, onde se matriculou na Rensselaer Polytechnic Institute de Troy, no estado de Nova Iorque. Aí fez apenas o primeiro ano do curso de engenharia, mas aprofundou seus estudos sobre o regime republicano e o sistema federalista norte-americano. Enviou cinco textos que foram publicados pelo jornal *A Província de São Paulo*, marcando o início de sua atividade jornalística. De volta a São Paulo em 1876, ingressou na Faculdade de Direito e colou grau em 15 de novembro de 1882. Em 1883, morou por um breve período em Pirassununga, onde abriu escritório de advocacia. A partir de então, movimentou-se entre São Paulo e Campinas.

Destacado como um dos intelectuais que contribuíram para a renovação das mentalidades no chamado modernismo da década de 1870, movimento que anunciou o final do Império e articulou a chegada da República, já em seu tempo Alberto Sales era citado como um dos principais ideólogos e articuladores republicanos, característica ressaltada por seu biógrafo Luís Washington Vita. Assim, ainda estudante fez parte do grupo de republicanos de Campinas, cidade considerada um importante centro da propaganda republicana em São Paulo, e com Alcides Lima e Pedro Lessa lançou em 1880 *O Federalista*, jornal de duração efêmera dedicado a divulgar a república e o federalismo no meio estudantil. Em 1881 tornou-se redator-chefe de *A República*, órgão do Clube Republicano Acadêmico que seria editado até 1886. Em 1882 escreveu *Política republicana*, trabalho que foi publicado com recursos arrecadados pelo Partido Republicano Paulista (PRP) junto a seus militantes e simpatizantes. Segundo o necrológico do jornal *O Estado de São Paulo*, a obra foi uma das três que maior repercussão tiveram no ânimo da geração acadêmica de seu tempo.

Em 1883, lançou *Ensaio sobre a moderna concepção do direito*. Buscava com isso renovar o pensamento da Faculdade de Direito de São Paulo, incorporando as ideias da Escola Histórica de Direito, surgida no início do século XIX na Alemanha com os juristas Gustav von Hugo e Friedrich Carl von Savigny. A nova corrente jurídico-filosófica fora construída em oposição ao raciocínio abstrato defendido pela Escola Jursnaturalista, que considerava o direito como um fenômeno independente do tempo e do espaço, e postulava que o homem, pelo exercício da razão e valendo-se de ideias inatas, seria capaz de deduzir princípios e normas de validade universal, o direito natural. Já para a Escola Histórica, a moral, a arte, a linguagem e o direito eram produtos do “espírito do povo” (*Volksgeist*). Nessa nova concepção, as normas jurídicas seriam o resultado da evolução histórica de cada povo, e a essência das leis seria encontrada nos costumes e nas crenças dos grupos sociais. A prática e a teoria do direito não poderiam estar divorciadas sem que houvesse prejuízo para ambas. Liberal convicto, Alberto Sales registrou também suas divergências em relação ao autoritarismo comteano, particularmente na defesa da soberania popular, conforme propunha Stuart Mill.

Em 1884, tornou-se sócio e diretor-gerente do jornal *A Província de São Paulo*, do qual, no ano seguinte, Júlio Mesquita se tornaria redator político. No jornal, envolveu-se em diversas polêmicas, entre as quais ganharia notoriedade aquela com Júlio Ribeiro, outro integrante da “geração de 1870”. Os artigos de Alberto Sales, assinados com os pseudônimos *Demócrito* ou *Diderot*, foram reunidos no livro *Cartas a Júlio Ribeiro*, de 1885. Jornalista combativo, abolicionista e anticlerical, gramático respeitado e ardoroso representante do naturalismo, movimento fundado pelo francês Émile Zola, Júlio Ribeiro publicou *Padre Belchior de Pontes* (1867-1868), *Cartas sertanejas* (1885) e, mais tarde, *A carne* (1888), e recebeu muitas críticas por suas ideias radicais e vanguardistas.

Ainda em 1885 Alberto Sales publicou *O catecismo republicano*, com tiragem de dez mil exemplares, distribuída gratuitamente pelo PRP. O livro foi dividido em 12 lições que apresentavam uma síntese da visão e do programa dos republicanos: Noção e objeto da política; Do poder governamental; Lei evolutiva do Estado; Do Estado; Da Constituição;

Da forma de governo; Ainda a questão da forma; Unitarismo e Federação; Vantagens da Federação; Organização e aplicação; Do sufrágio; Extensão do sufrágio; Condições de exercício. Os capítulos foram desenvolvidos através de perguntas e respostas, levando o leitor ao regime republicano e à Federação. Também em 1885, lançou *A vitória republicana*, com artigos publicados acerca das eleições do ano anterior, quando os republicanos elegeram três representantes para a Câmara dos Deputados.

Em 1886, Alberto Sales tornou-se professor do célebre Colégio Culto à Ciência de Campinas. Criado em 1869, o colégio foi uma iniciativa pioneira, baseada no ideário liberal maçônico e republicano segundo o qual só através da educação seria possível transformar o indivíduo em um cidadão produtivo e consciente de seus direitos e deveres cívicos, capaz de exercer a liberdade propiciada pela cidadania. Os republicanos empreenderam grande campanha pela instrução popular e também pela educação das futuras elites dirigentes com objetivos políticos precisos: o alargamento das bases de participação política no país e a conformação da cidadania. Criada pela Associação Culto à Ciência, ligada à maçonaria republicana, a escola era uma entidade benemérita e sem fins lucrativos, voltada para promover a educação, e não aceitava a intromissão religiosa no ensino, conduzido sob o ponto de vista leigo, positivo e científico. Em sua concepção a escola já projetava a organização de novas modalidades de ensino secundário, com o ginásio e cursos técnicos e profissionalizantes, voltados para os trabalhadores. Seu corpo de diretores e professores era composto por republicanos convictos.

No Colégio Culto à Ciência Alberto Sales proferiu duas palestras que ganharam destaque: “Noção geral de governo e sua fundação no meio da sociedade”, onde defendia que o governo é o resultado supremo das condições de vida do povo, o produto natural de sua evolução social, o desdobramento espontâneo de todo o seu passado histórico, e “O que é e para que serve uma Constituição”, em que apresentava os Estados Unidos como o grande exemplo a ser seguido.

Em 1887 publicou *A pátria paulista*, retomando as questões do separatismo e do nacionalismo, que deram origens aos terríveis conflitos que marcaram a história do país nas

décadas de 1830 e 1840. Apoiado nas proposições de Comte, defendeu o federalismo contra “o terrível minotauro do governo central”, que sufocava as províncias presas ao Império pelos fortes anéis da centralização. Na primeira parte da obra, denominada “O separatismo em face da ciência”, após destacar a “Lei do progresso em biologia”, fazia uma analogia com a sociedade e a “Lei do progresso em sociologia”, e concluía apresentando as consequências políticas estabelecidas pela lei, comprovadas historicamente. A seguir, vinham outros dois capítulos: “Vantagens práticas do separatismo”, em que analisava a autonomia política e sua consequência no movimento migratório, na indústria, no comércio, nas finanças, nas vias férreas e no transporte marítimo; e o “Confronto do separatismo com a nacionalidade”, em que analisava as vantagens da autonomia federativa sob outros aspectos: administrativo, do ensino, da economia e da agricultura. Finalizando analisava o sistema federal e apresentava considerações sobre “os chefes do partido republicano”.

Em 1888 publicou em Campinas o *Estudo científico sobre disciplina e organização partidária*.

Já na República, em 23 de novembro de 1892, no final da legislatura 1891-1893, foi eleito deputado federal para completar o mandato de Bernardino de Campos, que renunciara para assumir o governo de São Paulo. Foi reeleito para a legislatura 1894-1896, mas deixou a Câmara ainda em 1894. Rompeu com o PRP, por discordar da orientação do partido, justamente no momento em que os setores oligárquicos republicanos, em confronto com os militares, passaram a controlar o Estado e estabeleceram sua hegemonia.

Em 1898 foi nomeado pelo presidente de São Paulo, Fernando Prestes de Albuquerque (1898-1900), diretor da Escola Normal. Continuou no cargo no início do governo seguinte, de Francisco de Paula Rodrigues Alves (1900-1902). Em 30 de novembro de 1901 proferiu palestra sobre “O ensino público”. Antes do final do ano, mais uma vez afastou-se do cargo que ocupava por discordar das posições do PRP e da política do secretário do Interior, e passou a se dedicar à sua fazenda em Monte Alto.

Em 17 de julho de 1901 *O Estado de São Paulo* publicou na primeira página seu famoso

“Balanço político”, artigo em que criticava severamente o regime republicano brasileiro nos seus pouco mais de dez anos de existência. O documento marcou a cisão do PRP, liderada por Júlio Mesquita, àquela altura dono do jornal *O Estado*. Em pleno governo Campos Sales, o artigo causou polêmica especialmente por se opor à chamada “política dos governadores”, articulada pelo presidente da República com base na chamada “degola” dos opositores através de uma nova sistemática estabelecida na formação da Comissão de Verificação do Congresso. A manobra política, apontada como um dos mais sérios golpes tramados para controlar o sistema representativo, viabilizaria nos anos seguintes a aliança entre São Paulo e Minas Gerais, que tinham as maiores bancadas, dando origem à “política do café com leite”, que garantiu a hegemonia dos dois estados até o fim da Primeira República. O artigo foi amplamente reproduzido em jornais, até no exterior, sempre destacando o parentesco de Alberto e Campos Sales.

Sociólogo, filósofo, historiador, ensaísta e publicista, Alberto Sales tinha fama de possuir um conhecimento enciclopédico. Faleceu no dia 12 de março de 1904, aos 46 anos de idade, em sua fazenda Guararema, em Monte Alto, São Paulo.

Casado com Joana de Moraes Sales, filha de rico fazendeiro de Campinas, teve seis filhos. Sua vasta obra foi arrolada pelo Centro de Pesquisa do Pensamento Brasileiro (CDPB).

Carlos Alberto Ungaretti Dias

FONTES: ABRANCHES, J. *Governos*; AMARAL, A. *Dicionário*; BLAKE, A. *Diccionario* (v.3, p. 314); CABRAL, R. *Currículo*; CARDIM, C. *Alberto Sales*; CENT. DOC. PENSAMENTO. BRAS. Disponível em: http://www.cdpb.org.br/dic_bio_bibliografico_sales%20joao.html>; GUIMARÃES, J. *Pensamento*; Jstor. Disponível em: <<http://www.jstor.org/pss/3512860>>; LEITE, A. *Alberto Sales*; LEITE, A. *Pervivência*; LEITE, A. *Raízes* (v. 31, 2/6/1971); MELO, L. *Dicionário*; OLIVEIRA, G. *Alberto Sales*; RIBEIRO JUNIOR, J. *Alberto Sales*; VITA, L. *Alberto Sales*; VITA, L. *Ensaio*.